

João Caupers

A invenção de Hugo

Puseram-lhe o nome de Hugo. Escolha do padrinho, influência familiar, talvez apreço por Vítor Hugo, quem sabe.

Na escola não se distinguiu particularmente: nem bom, nem mau aluno, antes pelo contrário.

Entrou para uma juventude partidária. Como tantos outros. E fez carreira, que é para isso mesmo que servem as juventudes partidárias. De reunião em reunião, de comício em comício, de frete em frete, lá foi singrando.

Chegou a deputado. Como outros.

Na Assembleia da República não se distinguiu especialmente. Pode dizer-se até que passou despercebido. Como muitos outros.

Até que um dia chegou o momento de glória por que ansiava.

Entrou de rompante em casa dos pais: Mamã, mamã, obriguei os gajos a fazer um referendo! Por minha causa, mais de seis milhões de portugueses irão às urnas. Isto vai fazer calar aqueles que duvidavam das minhas capacidades!

E é um referendo sobre quê, perguntou a mãe, intrigada.

Olha, é sobre aquelas crianças que precisam de uma mãe – que até pode ser pai – ou de um pai – que até pode ser mãe. Não é bem isto, é sobre aquelas crianças que precisam de uma mãe, porque não têm pai. Ou precisam de um pai, porque não têm mãe. Ou são filhos de viúvos. Ou são órfãos.

A mãe olhava para ele com crescente perplexidade.

Não sei bem explicar-te do que se trata. Mas o que importa é que, graças a mim, mais de seis milhões de portugueses vão votar. Claro, a Assembleia cobriu-se de ridículo, mas isso são os danos colaterais da democracia!

Declaro que o texto que apresento é de minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.